

O “Memorial Itinerante – Africanidades” representatividades diaspóricas numa experiência ibero-americana de educação museal pelas estradas de Minas Gerais¹

*“Memorial Itinerante – Africanidades”: diasporic representations for a iberoamerican experience in
museum education through Minas Gerais*

Henrique Rocha Bedetti*

Palavras chave:
Museus
Educação Museal
Relações étnico-raciais

Resumo: Representar a diversidade cultural e histórica do estado de Minas Gerais, bem como suas tradições e as complexas tessituras sociais e políticas, é a proposta do museu belorizontino Memorial Minas Gerais Vale (MMGV). A multiplicidade de processos pelos quais se deu o desenvolvimento do estado não poderia vir a público sem o protagonismo e as trajetórias dos povos africanos e afro-brasileiro muitas vezes silenciados nas práticas museais. A fim de dar justo valor a essas trajetórias, o setor Educativo do MGV² desenvolve o percurso temático “Africanidades e Memória”. O presente trabalho disserta, enquanto relato de experiência, acerca do histórico da referida instituição, do desenvolvimento do citado setor e da formação de seus profissionais e suas produções. Com especial destaque é apresentado o projeto “Memorial Itinerante: Africanidades”, vencedor do VI Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus, bem como seu desenvolvimento e seus desdobramentos da concepção ao momento atual.

Keywords:
Museums
Museum Education
Ethnic-racial relations

Abstract: Representing the cultural and historical diversity of the state of Minas Gerais, as well as its traditions and social and political arrangements, is the proposal of the Memorial Minas Gerais Vale museum, located in the capital city of Belo Horizonte. The multiplicity of processes for which the development of the state has taken place could not come to light without the protagonism and life paths of the African and Afro-Brazilian people often silenced in museology. In order to give fair value to these paths, the MGV's educational staff develops the educational activity "Africanities and Memory". The present work discusses the history of the institution, the development of the museum's educational program, training of its professionals and their knowledge production. The VI Ibero-American Prize for Education and Museums winner project, "Memorial Itinerante: Africanidades", is presented with special emphasis, as well as its development and unfolding from its conception to the present moment.

Recebido em 30 de novembro de 2020. Aprovado em 23 de março de 2021.

* Bacharel e licenciado em História pelo Centro Universitário de Belo Horizonte UNI-BH. Mestrando em Educação em Museus e Divulgação Científica – FAE/UFMG. Educador no Memorial Minas Gerais Vale. Atuou na idealização e desenvolvimento do percurso temático “Africanidades e Memória”. É proponente do projeto “Memorial Itinerante: Africanidades”, que recebeu o 6º Prêmio de Educação e Museus do Ibermuseum em 2015. E-mail: henriquebedetti@gmail.com.

O Memorial Minas Gerais Vale

O Memorial Minas Gerais Vale, instalado no prédio que por 110 anos abrigou a Secretaria da Fazenda do Estado de Minas Gerais e foi construído pela Comissão Construtora da Nova Capital a partir de 1893 e inaugurado em 1897 (junto à cidade de Belo Horizonte), caracteriza-se como *museu de experiência e*

traz a alma as tradições mineiras contadas de forma original e interativa. Cenários reais e virtuais se misturam para criar experiências e sensações que levam os visitantes do século XVIII ao século XXI.

Longe de dar visibilidade apenas a um recorte histórico, o Memorial coloca em contato direto presente e passado promovendo, com esse gesto, outras formas de aproximação do público com as questões que atravessam nosso tempo.

(<http://memorialvale.com.br/pt/sobre-o-memorial/apresentacao/>Acesso em: 2 ago. 2020)

A expografia do referido espaço contém pouco acervo histórico-museográfico, porém, versa sobre a história e a cultura de Minas Gerais com o apoio de cenários interativos construídos com recursos audiovisuais e de tecnologia digital e três galerias para exposições temporárias. São homenageados escritores, fotógrafos, artistas plásticos e sujeitos da produção cultural e artística mineira e brasileira. O resultado da pesquisa que alicerçou a concepção do MMGV foi reunido em textos num livro chamado “Minas Gerais”, lançado pela editora UFMG em 2012.

Museus para as demandas do agora

O trabalho desenvolvido pelo Memorial Minas Gerais Vale alinha-se às ideias registradas na Mesa Redonda de Santiago do Chile, desenvolvidas a partir dos apontamentos levantados nos encontros do Conselho Internacional de Museus (Icom) e do Movimento Internacional para a Nova Museologia (Minom) em 1972. O documento traz a definição e os princípios de base do “Museu Integral”,

determinando para os museus da América Latina maior proximidade com as comunidades de seus entornos, com especial atenção para as questões “do meio rural, do meio urbano, do desenvolvimento técnico-científico, e da educação permanente. (...) consideraram que a tomada de consciência pelos museus, da situação atual, e das diferentes soluções que se podem vislumbrar para melhorá-la, é uma condição essencial para sua integração à vida da sociedade.” (CHILE, 1972).

Estes apontamentos vão ao encontro do que se busca com os novos fazeres museais. Espaços mais autônomos dos modos europeizados e com o olhar abrangente para a sociedade, permitindo trocas mais sensíveis que valorizam os saberes tradicionais e a ancestralidade dos vários sujeitos formadores da nossa cultura.

São parte também da produção que contribui para o desenvolvimento da educação museal brasileira os documentos definidores da Política Nacional de Museus (PNM) em 2003, o Plano Setorial de Museus de 2010 e o Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) em 2012. Cabe ressaltar os princípios definidos na Carta de Petrópolis escrita em 2010 no I Encontro de Educadores do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), realizado no Museu Imperial, que traz como missão

Compreender que a ação educacional é importante para o cumprimento da missão do museu, bem como para o desenvolvimento do processo museológico;

Considerar o acervo institucional e operacional como referenciais importantes para o desenvolvimento das ações educacionais do museu, levando em consideração a missão da instituição e os anseios dos atores sociais com os quais os projetos estejam sendo desenvolvidos. (PETRÓPOLIS, 2010).

O encontro é de grande importância para a área, pois mostrou o engajamento dos profissionais da educação museal brasileira e sua preocupação em estabelecer estruturas sólidas, atentas à pesquisa e à produção de saberes e fazeres, além da preocupação em buscar melhorias para os profissionais da educação museal. Era o primeiro passo dado em

direção à criação da PNEM³ (Ibram), que se configura como importante instrumento para a educação museal.

O documento veio a público em 2014 durante o 6º Fórum Nacional de Museus em Belém, no Pará, e marca também a trajetória do Memorial Minas Gerais Vale. Foi a primeira participação do setor Educativo da instituição em evento da área museal fora de sua cidade sede, sendo que desde 2013 vinha remodelando suas ações a partir de intenso trabalho de pesquisa, já alinhada ao documento fim do referido evento na capital paraense que ficou conhecido como “Carta de Belém do Pará”, que rege os princípios e os parâmetros para a criação e posterior implementação da Política Nacional de Educação Museal.

Assim, acreditamos que o trabalho dos educativos é garantir que essa interação aconteça através da pesquisa, da criação de conteúdos e principalmente das ações de mediação entre público e acervo, além de tornar o espaço museal acolhedor e representativo especialmente para públicos que não se veem representados nesses espaços.

Setor Educativo: formação e transformação com vistas ao engajamento

Por meio da análise da experiência dos três primeiros anos de funcionamento do Memorial Minas Gerais Vale, o setor Educativo a partir de 2013 (composto atualmente por uma equipe de 20 pessoas, sendo um coordenador, dois assistentes, três recepcionistas e 14 educadores) se empenha em iniciar uma nova trajetória atenta aos fazeres museais contemporâneos e com foco em imaginar e criar espaços plurais e abertos à reflexão. Sua função social se faz presente a partir do momento em que a instituição museal concentra seu trabalho em promover um espaço de guarda e difusão da memória em que se promova o desenvolvimento dos projetos educativos, bem como de ações multidisciplinares dos educadores que envolvam pesquisa, produção e divulgação de conteúdos, permitindo o encontro das várias trajetórias e dos vários públicos através de ações de mediação entre

visitantes, ampliando os meios e as possibilidades de entendimento e fruição do acervo expográfico.

Assim, o trabalho do Educativo se articula com vistas a estimular a construção de experiências sensíveis e significativas no MMGV, privilegiando a exploração do espaço de acordo com os interesses e as necessidades do público, buscando a contemplação e os processos de troca, trabalhando com a ideia de “visitante protagonista”, ou seja, aquele que se vê representado e também constrói o espaço, as identidades e os sentidos de pertencimento.

As bases teórico-metodológicas do Educativo se alinham à pedagogia libertadora de Paulo Freire junto a conceitos embasados no campo da Mediação Cultural, como os tratados por Mirian Celeste Martins (2017), criando um programa de ações educativas que promovem a problematização dos bens culturais e elementos históricos formativos do estado a partir da análise do perfil e das demandas de cada grupo de visitantes. Assim, as ações realizadas no MMGV rompem com o modelo de visita guiada e se estruturam em visitas mediadas em que o diálogo é valorizado junto aos repertórios e às experiências de vida dos sujeitos que o visitam, para que juntos possamos quebrar a ideia da existência de verdades únicas.

Para tanto, o Educativo desenvolve um processo de formação continuada a partir da criação de percursos temáticos que buscam potencializar as visitas mediadas. Oferecendo acolhimento aos nossos parceiros da educação e aos projetos que professores realizam em sala de aula, planejamos visitas que buscam oferecer novas experiências de descoberta e aprendizagem numa aproximação com a arte, a história e a cultura de Minas Gerais.

Os eixos que nortearam a construção desses percursos vão desde o protagonismo e a trajetória das mulheres na formação da sociedade mineira e brasileira aos processos construtivos e de estabelecimento da república brasileira. Das Minas, seus caminhos e seus conflitos de poder registrados na cartografia às trajetórias de luta e resistência dos povos africanos e afro-brasileiro contra a opressão escravista⁴. No entanto, tal construção não se distanciou de uma preocupação em problematizar aspectos da expografia, bem como propor a

desconstrução de discursos que não dialogassem com questões da atualidade.

Contudo, o compromisso com a educação no Memorial Minas Gerais Vale se legitima na elaboração do “Projeto Educativo”, publicação que apresenta as intenções e as propostas pedagógicas do museu alinhadas à Lei 11.635/2008, que obriga o ensino de cultura e história africana, afro-brasileira e indígena em todos os âmbitos do sistema educacional brasileiro.

“Africanidades e Memória”: percursos diaspóricos para um museu plural

O justo reconhecimento da grandeza e da importância da diversidade sociocultural mineira se faz no MMGV a partir dos percursos temáticos elaborados pelo setor Educativo. Entre eles o “Africanidades e Memória”, que através da valorização das matrizes africanas presentes no Brasil oferece ao visitante um repertório que permite desconstruir visões errôneas e estereotipadas acerca da cultura dos povos africanos. Isso é possível por meio dos conteúdos propostos nas expografias juntamente às ações de mediação criadas pelo Educativo a partir de suas pesquisas e produções.

O caráter educativo do museu se fortalece quando suas ações de mediação abrangem a diversidade de públicos e aliam-se às atividades realizadas por nossos parceiros. Tais atividades se configuram também em ações de formação de público para a instituição, reafirmando seu compromisso com a promoção de ações afirmativas para as relações étnico-raciais e valorizando o protagonismo do povo africano e afro-brasileiro na formação de Minas Gerais e do Brasil. Sua criação se fez necessária dada a carência de representatividade negra nos espaços museais e a urgência do tema para as demandas educativas, haja vista

as relações complexas entre senhores e escravizados, entre negros escravizados, livres e libertos e os brancos, bem como a figura dos mestiços configuram atores em conflito, negociação e constante luta para manutenção de status de sujeitos e coletividades para preservação

de suas memórias tanto quanto de suas identidades. As exposições de museus que abordam culturas das diásporas africanas no Brasil quando remetem à escravidão insistem em incrustar o escravizado como uma peça do processo escravagista. Identificam-no da mesma forma como o fazem com os instrumentos de suplício, como as correntes, açoites, gargalheiras etc. (BARBOSA, 2018, p. 103).

Portanto, entendemos que um museu que busca sustentar seu discurso com base na pluralidade deve estar aberto para somar à sua estrutura o patrimônio dos povos originários, diaspóricos e historicamente silenciados pelo projeto colonialista que, criou e mantém o racismo estrutural, também presente nas instituições museais, estabelecendo muitas vezes verdades consideradas únicas e hegemônicas. Afinal, como bem pontua Luciana Ribeiro,

O espaço do museu não foi feito para o não ocidental, o não “branco” e o não hegemônico. Tornou-se um espaço limitado, e a cada vez que continuamos limitando o acesso às suas estruturas estamos contribuindo para que continuem reforçando tal estrutura.

[...] Seguindo a reflexão sobre as lutas não hegemônicas, antirracistas, decoloniais, antissexistas nas artes, torna-se indispensável refletirmos sobre as anulações violentas que as instituições culturais e museus fazem quando optam por não mudarem suas estruturas [...]. (RIBEIRO, 2018, p. 13).

Acreditamos que o espaço se completa quando esses corpos ocupam as instituições de maneira livre e ativa, presente desde os acervos e galerias até os setores educativos e cargos de coordenação e direção. É preciso romper com essas estruturas quase petrificadas pelos processos colonialistas que privilegiam discursos hegemônicos dos grupos considerados vencedores. Fazem-se urgentes, por parte das instituições museais, revisões que, com vistas à mudança em seus modos de agir, de fato busquem a plena democratização de seus acervos. Nesse sentido, Bruno Brulon defende que

Museus não são feitos só de paredes. Seus objetos são investidos de um discurso encenado por certos atores. Suas vitrines são o resultado de escolhas de outros. Aquilo que materializam é produto de um processo complexo e politicamente determinado que intitulamos teoricamente de musealização. Musealizar é uma forma de construir consenso sobre o valor e sobre a matéria, se percebemos que os museus são instituições organicamente ligadas às sociedades. É a sociedade que produz o valor transmitido pelos museus. Mas, como dispositivos, em sua maioria, criados por um Estado cuja centralidade, no caso brasileiro, não deixou escapar o patrimônio cultural, ao mesmo tempo em que produzem valor, museus são o resultado de negociações do próprio consenso sobre o valor, reproduzindo materialmente as hierarquias de poder e saber que conformam aquilo que se entende por Nação (BRULON, 2020, p. 3).

Pensar como a figura do negro foi construída no fazer museal ao longo dos anos permite entender a origem dos vários desdobramentos do projeto racista iniciado com a colonização e sua manutenção acrescida das teorias eugenistas do final do século XIX e início do XX. Assim, através do discurso da criação de uma identidade nacional, apoiada numa visão branco eurocêntrica, buscou-se neutralizar e apagar as populações afrodescendentes dos processos sociais. Infelizmente, esse *modus operandi* se estruturou como alicerce para a manutenção do racismo estrutural presente ainda em muitas das engrenagens dos meios cultural e artístico brasileiro.

Falar criticamente sobre racismo nos processos formativos dos educadores, bem como nas ações educativas e de mediação oferecidas aos públicos, é uma forma de estabelecer ações afirmativas contra o apagamento do sujeito negro ao longo dos tempos na sociedade brasileira. Faz-se importante a performance de corpos negros atuantes nos setores educativos dos museus, demonstrando sua intelectualidade, protagonismo e competência. É o momento de trazer para o debate outros lados da história que ainda não possuíam justo destaque. Mas é necessário que essas questões possam vir à tona por meio de estratégias e práticas museais que fomentem o combate ao racismo.

Para a criação do percurso “Africanidades e Memória” foram ressaltados temas relacionados à

cultura religiosa, material e imaterial, arte e estética, saberes e fazeres do mundo do trabalho que, alinhados aos conteúdos expositivos da instituição, pudessem oferecer aos visitantes experiências estéticas e reflexivas promovendo a quebra de visões limitadas e errôneas acerca das culturas de países africanos e suas transformações em território brasileiro a partir dos movimentos diaspóricos. Com sucessivas incursões pelas galerias do MMGV o grupo foi, a cada nova ideia, a cada nova reunião, revisitando espaços com que já estavam habituados, porém, descobrindo novos aspectos. Assim, a partir de recorte temático das salas A Fazenda Mineira, Celebrações Festivas em Minas Gerais, O Povo Mineiro, Sebastião Salgado, Vale do Jequitinhonha, Vilas e Arraiais Mineiros - Séculos XVIII e XIX, foram desenvolvidos recursos midiáticos, materiais de apoio e práticas lúdicas, gerando novos produtos educativos e propostas de mediação. A memória dessa trajetória até 2018 está registrada em um fanzine produzido pelos educadores, que traz um compêndio de reflexões e relatos de experiências acerca das ações realizadas pelo percurso numa publicação chamada “Ori”.

Dando continuidade às ações afirmativas no espaço museal, desenvolvemos um elemento que se tornou símbolo do percurso, o Baobá. Uma representação cenográfica da icônica árvore africana foi construída para a ação lúdico-educativa denominada “Aos pés do Baobá”. A partir da simbologia que a reconhece como árvore da vida e árvore do encontro, a ação valoriza a transmissão de saberes e a preservação da memória através da oralidade, práticas de sumária importância para diversas comunidades africanas. Assim, os visitantes são convidados a participar, assentando-se aos pés da árvore e compartilhando suas histórias através de intervenções artísticas e textuais em cartões oferecidos pelo museu.

Com atenção à relação entre a primeira infância e as práticas museais, o percurso cria desdobramentos e se adequa a esse público na criação do *Africanerê*, desenvolvendo ações que trabalham a alteridade e a valorização da ancestralidade africana de maneira lúdica pelas galerias do museu.

As ações do Educativo buscam também acolher os parceiros da educação, expandindo

diálogos além das visitas, em que compartilhamos nossas experiências, recebendo professores da rede municipal de ensino para encontros de formação acerca da educação étnico-racial.

A criação do percurso foi estimulada por uma solicitação da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (SMED - PBH), a partir da premissa do projeto “Território Negro”, que

tem como finalidade favorecer a aproximação e o diálogo das escolas com os espaços museológicos da cidade, de modo a possibilitar a apropriação de conhecimentos acerca das culturas africana e afro-brasileira, de suas histórias, suas produções intelectuais, científicas, tecnológicas e estéticas e suas formas de organização social (RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS BH, 2013).

Esse projeto estimulou a percepção das instituições museais da cidade acerca de questões específicas dos alunos da rede municipal de ensino, inspirando-as na revisão de práticas voltadas para esse público, bem como entender e adaptá-las aos vários outros que frequentam a instituição. Participaram do projeto, entre 2013 e 2019, o Museu Brasileiro do Futebol, o Espaço do Conhecimento da UFMG, o Museu de Artes e Ofícios e o Memorial Minas Gerais Vale.

A conexão entre as instituições museais junto à secretaria tem possibilitado avanços para a educação étnico-racial escolar e museal. Foram promovidos diversos encontros entre os citados, o que torna mais rica a proximidade das ações. São momentos de comunicação entre professores e educadores em que ocorrem a troca de vivências e saberes, a identificação e o levantamento de pontos a serem debatidos e melhorados frente à proposição de novas atividades a partir do trabalho em coletividade, uma vez que é possível obter bons parâmetros das propostas de mediação oferecidas. Os professores levam para os encontros relatos e registros acerca das reverberações da visita ao espaço museal no espaço escolar.

Cabe ressaltar a experiência de uma escola da rede municipal belorizontina que, em visita ao Memorial Minas Gerais Vale mediada pelo percurso

temático em questão, participou da atividade “Aos pés do Baobá”. No retorno à escola foi proposta uma continuidade da visita, em que os alunos deveriam registrar suas impressões. Para isso, tiveram a iniciativa de construir um baobá com os materiais disponíveis na escola, e ao final da atividade o setor Educativo do MMGV recebeu uma carta que relatava a experiência e fotos do processo e do objeto concluído.

Esse retorno é de grande riqueza para os educativos dos museus na perspectiva de que o setor possa fazer uma autocrítica de seu trabalho e afinar pontos a serem melhorados. Funciona como uma espécie de termômetro que permite entender como e de que maneira aquele que visita o espaço experiencia a vivência museal.

Ao longo de sua trajetória, o grupo de trabalho do percurso “Africanidades e Memória” passou por várias formações e esteve em constante diálogo com os outros percursos da instituição para que as temáticas possam se encontrar de alguma forma, uma vez que todo o trabalho do setor Educativo se baseia na coletividade. Porém, sempre há a participação de protagonistas de seus lugares de fala em cada frente de trabalho. Atualmente, o grupo que se dedica a esse percurso é formado por 6 educadores negros do total de 14 que trabalham na instituição.

Com habilidades multidisciplinares e atento aos debates étnico-raciais, o grupo se mantém em constante atividade visando à criação de desdobramentos, sempre pautados na diversidade, no encontro, na troca de saberes e no enaltecimento de trajetórias de vida negras. E hoje, frente ao atual contexto de distanciamento social, nos empenhamos em adaptar o fazer museal para o meio virtual. Em produções diversas buscamos manter o contato com nosso público, e assim, para os anos de 2020 e 2021, a fim de dar prosseguimento às celebrações e lutas do povo negro, produzimos uma série de eventos on-line que receberam o nome de “Novemblack”, numa livre alusão e homenagem à importância do mês de novembro para as trajetórias de luta do povo negro e também em referência ao movimento *Black Lives Matter*, que ganhou atenção mundial após o assassinato ocorrido no dia 25 de maio de 2020 (cometido por um policial branco), de George Floyd,

um cidadão afro-americano. Um lamentável ocorrido que gerou uma série de protestos não só nos Estados Unidos, como também no Brasil e outras cidades no mundo. Além do mês em questão, a temática segue presente em ações contínuas ao longo da programação anual do Memorial Minas Gerais Vale.

O Memorial Itinerante - Africanidades: ações afirmativas em trânsito

Desde 2013 nas pautas do Educativo já existia a intenção de levar ações do MMGV para além das galerias, visando à divulgação do trabalho e à formação de novos públicos. Entendemos que o projeto piloto poderia vir com foco nas ações afirmativas para as relações étnico-raciais como desdobramento do trabalho que já vinha sendo desenvolvido e se consolidando através das ações do percurso temático “Africanidades e Memória”.

Estruturado, o projeto “Memorial Itinerante: Africanidades”, que tem como premissa levar o trabalho do MMGV além de seus portões por meio de ações educativas e culturais dando seguimento ao compromisso de promover ações de fortalecimento das identidades e apropriação das matrizes africanas presentes na sociedade brasileira, foi inscrito no edital do Programa Ibermuseus - iniciativa de cooperação e integração dos países ibero-americanos para o fomento e a articulação de políticas públicas para a área de museus e da museologia - para concorrer ao “VI Prêmio Ibero-Americano de Educação em Museus”. Agraciados com o primeiro lugar entre 147 projetos, encerramos o ano de 2015 fortalecidos para iniciar a jornada que nos aguardava no ano seguinte. Essa experiência foi a certeza dos bons caminhos pelos quais o setor Educativo vem construindo sua trajetória, além de nos aproximar das mais atuais e positivas experiências em educação em museus na América Latina e Península Ibérica.

O conceito de formação continuada sempre permeou os trabalhos da instituição. Para o setor Educativo do Memorial Minas Gerais Vale sempre foi muito clara a necessidade de constante atualização das nossas ações, da pesquisa, do desenvolvimento de novos produtos e do registro das experiências em formatos diversos. São pontos que

contribuem para a consolidação de um corpo de trabalho conciso e multidisciplinar que produz conhecimento e oferece experiências sensíveis de mediação atreladas a acervos e a conteúdos do espaço, à nossa história, memória e cultura, atentos aos discursos e tensionamentos do presente.

Assim, optamos por focar em atividades de formação docente ligadas às experiências estéticas e expográficas e nos reaproximar de cidades mineiras que já haviam participado de ações no MMGV. A partir de uma mediação implementada pela Fundação Vale e das ações do equipamento “Casa do Aprender” - instalado em cidades de atuação da empresa e que funcionou como um espaço de encontro e troca de aprendizagens diversas através de iniciativas voltadas à formação de profissionais da educação básica municipal - e numa parceria com o museu, recebemos o projeto “Um dia no Memorial: Experiências com a Diversidade”.

As atividades consistiam em palestras com o professor Natalino Neves da Silva⁵, nas quais eram compartilhados conteúdos incentivadores à prática educativa pelo viés do sensível, do olhar e da escuta cuidadosa e da criação de redes de trocas no espaço escolar em que a ancestralidade africana e afro-brasileira possa ser pesquisada e valorizada a partir das realidades, sujeitos e elementos representativos da região. Na segunda metade do dia as professoras e os professores participaram de uma visita mediada com o Educativo dentro do percurso “Africanidades e Memória”. A intenção é de que o encontro dos conteúdos apresentados nos dois momentos pudessem estimular a reverberação de ações e projetos com os alunos em suas cidades.

No trabalho museal, observamos que mesmo com a longa trajetória da implementação da Lei 10.639/2003 e de sua alteração pela Lei 11.645/2008, - que determinam o ensino de cultura e história africana, afro-brasileiras e indígena em todos os âmbitos do sistema educacional brasileiro - muitos docentes ainda encontravam dificuldades de trabalhar com seus alunos os conteúdos concernentes a essas temáticas. O tema é muitas vezes visto como “delicado e espinhoso”, haja vista a complexidade das relações raciais no Brasil emperradas pelo racismo estrutural amplamente presente na sociedade. Muitos evitam falar sobre o assunto ou são impedidos de alguma forma, tendo

em vista a presença de posturas não laicas nas estruturas escolares, quando por exemplo abordam temas relacionados às religiões de matriz africana. Assim, a fluidez das relações com a diversidade étnica brasileira fica ameaçada e compromete as boas práticas educativas no ambiente escolar. Sendo assim, alinhamos os apontamentos da legislação citada ao Plano Educativo elaborado pelo MMGV elencando-os como conteúdo a ser trabalhado no projeto de itinerância, juntamente a aspectos relacionados à fruição artístico-estética, valorização das matrizes culturais africanas e afro-brasileiras e ações afirmativas para as relações étnico-raciais. Enfim, estávamos prontos para circular pelo estado de Minas Gerais.

Para atender aos aspectos elencados e levar às cidades de Barão de Cocais, Itabira, Rio Piracicaba e São Gonçalo do Rio Abaixo parte do trabalho do MMGV, partimos para a criação dos elementos que seriam levados às cidades. O trabalho contou com a produção de material didático, uma pequena exposição, encontro de formação e troca de experiências e a construção de um *website*⁶ contendo material digital de apoio pedagógico e um ponto de encontro virtual para receber as impressões dos participantes.

Proximidade efetiva, diálogo, observação e reflexão são aspectos concernentes ao setor Educativo e sua relação com espaço expositivo; acolhimento, escuta e troca dizem da boa convivência diária com a diversidade de públicos que visita o museu, e a atenção a esses aspectos traduz parte do compromisso social do setor para com a educação. Assim, considera-se justo e necessário que a própria equipe do Educativo produza conhecimento, materiais de apoio às ações de mediação e publicações que divulguem nosso fazer museal e possam servir de referência para nossos pares.

Nesse sentido, iniciou-se a produção do material didático oferecido aos participantes dos encontros do “Memorial Itinerante: Africanidades”. Formado por um kit composto por um livreto (com textos e projeto gráfico realizados pela equipe), um álbum com imagens que denotam aspectos positivos relacionados à arte e à cultura de diversas regiões de países africanos e cartões impressos com palavras de

origem africana comuns ao vocabulário brasileiro. Enfim, um material atrativo, acessível e objetivo, produzido com apurado cuidado estético e que oferece possibilidades diversas de aplicabilidade⁷.

A exposição foi concebida a partir de um recorte da expografia de seis salas (das 28 do museu) abordadas pelo percurso temático “Africanidades e Memória” a saber: “O Povo Mineiro”, “A Fazenda Mineira”, “Celebrações Festivas em Minas Gerais”, “Vilas e Arraiais Mineiros - Séculos XVIII e XIX, “Vale do Jequitinhonha” e “Sebastião Salgado”. A escolha se justifica por se tratar de salas que apresentam conteúdos que versam sobre o mundo do trabalho, cultura material, imaterial e religiosa, arte e resistência. Aspectos que atravessam as trajetórias das populações de origem africana sequestradas e trazidas para o trabalho escravo nas Américas. Com uma estrutura modular o acervo foi composto por peças em cerâmica do Vale do Jequitinhonha, exposição de fotografias do acervo de Sebastião Salgado, versões em suportes diversos de mídias veiculadas no museu, além da criação de cenografia alusiva às galerias do MMGV.

Durante todo o processo de criação o foco estava não apenas em reproduzir uma amostra da exposição original, mas exibir um conteúdo que fosse também atrativo e que pudesse estimular no visitante o desejo de conhecer o museu em Belo Horizonte. Porém, um aspecto para o qual foi direcionada a atenção da equipe foi valorizar, através dos objetos expostos de acordo com as temáticas das salas citadas anteriormente, as trajetórias de negras e negros vitimados pelo sistema escravista. Buscamos criar um espaço expositivo que fosse na contramão do que é exposto em muitas galerias museais Brasil afora, como destaca Joseania Miranda Freitas acerca da invisibilidade do povo negro nos museus e na museologia, em que

questões étnico-raciais ou da sua visibilidade pelo lado negativo, voltado para situações de escravidão e/ou submissão, tem sido tema de pesquisas e debates em fóruns da área. No entanto, a explicitação da necessidade de aplicação de políticas de ações afirmativas é um fato relativamente novo. Durante um longo período, foi marcante a invisibilidade do negro na

instituição museu, responsável oficialmente pelos registros da memória e da história nacional, tanto no Brasil, como nos demais países colonizados, porém os movimentos sociais lutaram para que as imagens dos povos africanos e de seus descendentes, não fossem resumidas somente às representações de um passado escravista, se assim, que sejam destacadas as lutas contra o sistema (FREITAS, 2005, p. 6).

Esses processos silenciam narrativas mantendo sujeitos históricos protagonistas marginalizados socialmente e em relação à memória e à história (considerada) oficial, fenômeno que atinge os brasileiros negros igualmente, pois não somente invisibiliza comunidades sem fazer justa dignificação de suas memórias, como também impede que a sociedade brasileira entenda de sua memória coletiva e identidade integral, pois a cultura brasileira, ainda que de forma conflituosa, é resultado da ação de todos os sujeitos, reconhecidos oficialmente ou não.

Situação ainda muito recorrente nos museus brasileiros, em que exposições privilegiam narrativas de grupos considerados vencedores, como analisa Cunha (2006) ao ressaltar que

práticas institucionais do Brasil revelam esforço permanente em negar traços étnico-culturais que ponham em risco desejos de ‘modernidade’, ‘progresso’ e ‘desenvolvimento’ nacional, baseado em referências culturais ditas ‘ilustradas’. Os museus sempre estiveram a serviço deste projeto, exibindo objetos testemunhos das culturas ditas superiores, modelos para a formação de um caráter e personalidades que comportem modos e maneiras ‘elegantes e civilizados’. Objetos de culturas de negros (...) geralmente são apresentados pelo viés do exotismo e da variação/deturpação dos padrões superiores a serem seguidos, moldando-se, para tal, conceitos como cultura e religiosidade popular, folclore, objeto etnográfico e manifestação de cultura tradicional (...). A religiosidade fica limitada à apresentação de informações com ênfase no sincretismo (CUNHA, 2006, p. 78).

Portanto, nas ações do “Memorial Itinerante: Africanidades” buscamos trabalhar com metodologias que estimulem o encontro, a troca de experiências e aprendizados, dando espaço para que

os participantes possam mostrar o que já fazem frente às ações afirmativas e ao combate ao racismo. São oferecidas possibilidades de pesquisas, abordagens lúdico-educativas que vão ao encontro das determinações das Leis 10.639/03 e 11645/08 e sua aplicabilidade no espaço educacional, cultural e expositivo. A formação conta com momentos de teoria e prática e promoção de debates. Voltados para docentes e agentes culturais, os encontros versam sobre nossas práticas de educação museal étnico-racial e durante todo o encontro os participantes são convidados a compartilhar suas experiências em torno da temática.

Em um período de quatro semanas as cidades escolhidas, além de receberem a exposição, sediaram os encontros de formação que somaram um total de 20 horas. Após os encontros, incentiva-se que o professor ou agente cultural leve seus alunos ou grupo com que trabalha a uma visita (por ele) mediada à exposição e, em seguida, faça o registro - artístico ou textual - daquele momento em um caderno que recebeu o nome de “Diário de Memórias”⁸. Este, quando retorna ao museu, serve como um indicador dos resultados daquela jornada.

Não há lugar no Brasil em que o debate racial não seja relevante. O ambiente de troca é importante por ser fortalecedor de ideias e sujeitos. E essa troca ganha potência nas ações em coletividade. Uma prática lúdico-educativa que representa muito bem esse aspecto foi chamada por nós de “Quando eu me vejo no outro”. Entregamos espelhos de bolso ao grupo e convidamos os participantes a se reunirem em duplas. De costas, as pessoas deveriam posicionar os espelhos, em um trabalho colaborativo, de modo a encontrar seus olhos no espelho do parceiro e assim iniciar um “passeio de observação” pelo outro que só é possível se os movimentos estiverem sincronizados. Considerando que a autoimagem é relevante na vida de cada um, ressalta-se a importância de perceberem as semelhanças e principalmente as diferenças entre seus próprios olhos e os olhos do outro: formato do rosto, cor, enfim, detalhes que pudessem chamar a atenção para a diversidade e estimular a empatia.

Outro ponto importante dos encontros é o “Momento Ilê Aiyê”. A partir do significado do termo, que em língua iorubá significa “casa” (ilê) e “terra” (aiyê) e que batiza o bloco de carnaval baiano fundado em 1974, buscava-se com a atividade a

criação de um espaço de fala para que os participantes explanassem de que maneira as questões levantadas impactavam em suas atuações e como as relações étnico-raciais estavam presentes no trabalho em sala de aula e na trajetória de vida de cada um, positiva ou negativamente. Muitos haviam sido vítimas de racismo e preconceitos diversos. Estava claro que os participantes eram bem sensíveis e atentos ao trato dessas questões e que faziam desse trabalho uma forma de luta pela igualdade.

Na itinerância, todas as cidades proporcionaram experiências muito ricas. No entanto, a passagem por Rio Piracicaba merece destaque pelo merecido reconhecimento que garante um marco histórico à cidade e que representa a luta na qual empunhamos nosso trabalho de educação museal junto ao “Africanidades e Memórias”.

Em 2011 o distrito de Caxambu (pertencente à referida cidade) recebeu da Fundação Palmares o reconhecimento e a certificação de Comunidade Quilombola⁹, que veio por meio do empenho de toda a comunidade em um projeto iniciado pelo corpo docente da escola municipal local. Durante o processo as potencialidades foram se encontrando, o trabalho ganhando corpo e toda a documentação necessária foi reunida para que fosse dada entrada junto a fundação. Foi possível conhecer de perto o trabalho feito pela escola, que propiciou o resgate cultural e identitário das raízes africanas presentes na região, numa atuação em equipe que garantiu sucesso à empreitada que se tornou referência nacional em educação étnico-racial.

Em cada cidade foi possível perceber a urgência dos temas por meio da grande procura e do interesse dos participantes. Acolhemos suas dúvidas e dificuldades com cuidado e atenção, compartilhando as conquistas do caminho que estamos construindo. Acolhedor também para a instituição foi o aprendizado com esses sujeitos e suas experiências étnico-raciais em seus lugares de atuação. A partir dessas apresentações surgiram relatos de vivências em situações de preconceito étnico, fomentando estudos de caso posteriores. Observamos que, ao perceberem que seus relatos haviam sido de grande relevância para o desenvolvimento do trabalho, as pessoas se sentiram

inseridas em um lugar importante de construção de conhecimentos em rede.

Considerações finais

Analisar essa trajetória nos permite também identificar a importância de se investir na produção de conhecimento e em experiências de formação para o profissional educador museal a partir do próprio trabalho da instituição, oferecendo a autonomia necessária, com recursos e práticas que valorizem seus conhecimentos e suas vivências em comunidade, que dialoguem com os novos fazeres museais, com as novas linguagens educativas e comunicacionais, promovendo saberes emancipadores que possam ser compartilhados com a sociedade.

Finalizada a jornada acordada no projeto vencedor do prêmio, realizada durante o ano de 2016, prefeituras de cidades próximas às participantes demonstraram interesse e solicitaram a parceria para receber o projeto.

Partindo da Praça da Liberdade, a itinerância percorreu oito cidades: São Gonçalo do Rio Abaixo, Barão de Cocais, Rio Piracicaba, Itabira, Catas Altas, Ouro Preto, Mariana e Nova Lima. E em Belo Horizonte fizemos escala com a realização do projeto no Centro Cultural Vila Fátima, junto ao projeto Diversidade Periférica do MMGV. Foram mais de 500 km percorridos que geraram reverberações além das limitações geográficas.

Meia década de idas e vindas, encontros, escutas e falas se faz presente num 2020 marcado pela impossibilidade do encontro ao vivo, porém, com vistas à preservação da saúde e da nossa sobrevivência. São cinco anos desde que estruturamos em um projeto a vontade de levar as ações do Memorial Minas Gerais Vale para além das galerias, quando criamos o “Memorial Itinerante: Africanidades”.

Inspirados pela enormidade do estado, pelo pisar ritmado das Guardas de Congo que entoam cantos de louvor e liberdade e pelas trajetórias de luta dos povos que resistiram aos horrores da escravidão, entendemos que era preciso pegar a estrada. Levar a públicos distantes da capital nossas contribuições

frente às ações afirmativas para a educação museal étnico-racial, bem como aprender sobre esses tocantes com os sujeitos que nos receberam em seus territórios.

Nas idas às cidades foram realizadas exposições, debates, cursos e oficinas. Compartilhamos saberes ancestrais presentes na simbologia Adinkra através de expressões do fazer artístico, reforçando a representatividade e a identidade dos povos negros. Falamos dessas experiências em encontros de formação com professores da rede municipal de ensino da capital e marcamos presença no II Copene Sudeste - Congresso de Pesquisadores Negros do Sudeste, em 2018.

Olhando para o caminho trilhado nessa meia década e pensando no que ainda almejamos construir, tomo de empréstimo uma frase de Chico Science: “Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar”. Dizeres que, para nós, traduz o poder da mudança gerado pelo movimento. Mudamos juntos e não seremos mais os mesmos amanhã. É o que buscamos.

Notas

1 A itinerância do trabalho educativo do MMGV que tanto almejamos e dedicamos nossos esforços para que fosse além do papel e tomasse as estradas só foi possível pelo trabalho em coletividade e com a sabedoria e sensibilidade de duas pesquisadoras (à época companheiras de jornadas museais) as quais tenho respeito e admiração. A seis mãos escrevemos o projeto que viera a ser vencedor. Dedico esse texto à Ana Luiza Neves e Silvia Coelho. Dedico também essas linhas à toda equipe do setor Educativo do Memorial Minas Gerais Vale, parceiras e parceiros de luta por uma museologia plural, sensível e engajada.

2 Memorial Minas Gerais Vale: memorialvale.com.br

3 Política Nacional de Museus: pnem.museus.gov.br

4 Os percursos temáticos desenvolvidos pelo setor Educativo do Memorial Minas Gerais Vale são: Africanidades e memória:

Resgatar a cultura africana presente em Minas Gerais, percebendo e valorizando a diversidade étnico-cultural, assim como identificar e reconhecer as diversas formas de resistência como manifestações culturais.

Artes visuais, imagem e memória:

Pretende inserir o visitante no cenário das artes visuais em Minas Gerais através da observação das trajetórias e modificações pelas quais passaram as expressões artísticas ao longo do tempo, num movimento de aproximação à imagem como ferramenta discursiva, reflexiva e condensadora de significados em contextos históricos nos quais se insere.

Cartografia e memória:

Refletir sobre os espaços de ocupação do estado de Minas Gerais, bem como repensar caminhos, seja pela forma geométrica traçada pela Comissão Construtora de Belo Horizonte ou pelas trilhas abertas, por bandeirantes e clandestinamente, pelos traficantes de escravizados, em que a cor pálida do cerrado e as serras se mesclavam nas ilustrações dos disputados mapas das Minas Setecentistas. Nesse cenário de medo e disputa repensamos a concepção cartográfica de Minas Gerais sem esquecer dos grupos afetados negativamente nessas incursões bem como suas trajetórias.

Infância e memória:

Potencializar, a partir de práticas lúdicas, o papel do museu como espaço de encantamento e formação. Ativar de forma criativa o diálogo entre as crianças e o espaço expositivo do MMGV, viabilizando vivências e experimentos mediados pelos conteúdos e pelas práticas dos educadores.

Literatura e memória:

Pretende agregar a prática da leitura ao espaço museal, numa perspectiva de identificação e reciprocidade, procurando estimular a sensibilidade estética, a imaginação e o senso crítico. Ora em um contexto histórico específico, ora atribuindo-lhes outros sentidos a partir do contato e pesquisa com os processos criativos de escritores renomados e suas obras, celebradas no MMGV.

Mineiridades:

Busca discutir sobre a diversidade cultural do estado de Minas Gerais, entendendo valores e processos de transformações históricas e sociais.

República e memória:

Problematizar a implantação da República no Brasil, identificando os conceitos, símbolos e espaços públicos que marcaram o ideal republicano em Minas Gerais. Refletir sobre as noções de cidadania, liberdade e democracia, ressaltando-se a história do prédio da antiga Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais que abriga atualmente o Memorial.

5 Natalino Neves da Silva é professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Administração Escolar (DAE). Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas (UFMG). Atua em Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação.

Pesquisa na área de Educação, com ênfase em Sociologia da Educação. Tem estudado marcadores sociais da diversidade étnico-racial e formação de professores, além de temas relacionados à: educação e cultura, relações étnico-raciais e educação, juventude negra, educação de jovens e adultos, ensino médio, movimentos sociais e educação.

6 O site disponibiliza materiais de apoio ao participante e breves relatos sobre as experiências nas cidades participantes da jornada 2016 do Memorial Itinerante: Africanidades. Disponível em:

<https://memorialitinerante.wixsite.com/africanidades/relatos-de-experiencias>.

7 O livreto "Memorial Itinerante Africanidades" pode ser encontrado em versão digital em:

https://issuu.com/luhcorr/docs/3ab46a_d8fa7223d2254247a69c450e24a4.

8 As contribuições dos professores para o Diário de Memórias podem ser apreciadas acessando o link a seguir: <https://memorialitinerante.wixsite.com/africanidades/relatos-de-experiencias>.

9 Relação das comunidades certificadas: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/COMUNIDADES-CERTIFICADAS.pdf>

Referências

BARBOSA, Nila Rodrigues: **Museus e Etnicidade** - O Negro no Pensamento Museal. Curitiba: APPRIS, 2018.

BERNARDI, Andréia Menezes de. **Plano Educativo**. Memorial Minas Gerais Vale. Belo Horizonte. 2014.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 28, p. 1-30, 27 jan. 2020.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. **Teatro de Memórias, Palco de Esquecimentos**: Culturas Africanas e das Diásporas Negra em Exposições. 2006. 285 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREITAS, Joseania Miranda. Museu Afro-brasileiro; ações afirmativas de caráter museológico no novo setor da herança cultural afro-brasileira. In: **ENECULT, I**. 2005. Salvador. Anais.

IBRAM, 2010 CARTA DE PETRÓPOLIS. **1º Encontro de Educadores do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM, 2010**. Disponível em: <http://boletim.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/07/Carta-de-Petropolis.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ICOM, 1972 I. MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE - ICOM, 1972. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 15, n. 15, 11. Acesso em: 10 ago. 2020.

MARTINS, Mirian Celeste (Org.). **Mediação cultural: olhares interdisciplinares**. São Paulo: Uva Limão, 2017.

RIBEIRO, Luciara. **Experiências negras**: o corpo negro na prática educativa de museus e instituições culturais: volume 1. Instituto Tomie Ohtake: São Paulo. 2020.

MEMORIAL MINAS GERAIS VALE. **Apresentação**. Memorial Minas Gerais Vale. Belo Horizonte. 2013. Disponível em: <https://memorialvale.com.br/pt/sobre-o-memorial/apresentacao/>. Acesso em: 02 ago. 2020.